



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**JOSELITO SILVA CORREIA**

**O MOVIMENTO ESTUDANTIL DO COLÉGIO ESTADUAL ELPÍDIO  
DE ALMEIDA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB: O  
MOVIMENTO SECUNDARISTA EM TEMPOS DA DITADURA  
MILITAR BRASILEIRA (1964 – 1984)**

**CAMPINA GRANDE**

**2017**

**JOSELITO SILVA CORREIA**

**O MOVIMENTO ESTUDANTIL DO COLÉGIO ESTADUAL ELPIDIO  
DE ALMEIDA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE – PB: O  
MOVIMENTO SECUNDARISTA EM TEMPOS DA DITADURA  
MILITAR BRASILEIRA (1964 – 1984)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Me. José Emerson Tavares de Macedo

**CAMPINA GRANDE**

**2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C824m Correia, Joselito Silva.

O movimento estudantil do Colégio Estadual Elpídio de Almeida na cidade de Campina Grande -PB: o movimento secundarista em tempos da ditadura militar brasileira (1964 - 1984) [manuscrito] / Joselito Silva Correia. - 2017.  
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Me. José Emerson Tavares de Macedo, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Movimento estudantil. 2. Cultura política. 3. Estudantes secundaristas. 4. Ditadura militar.

21. ed. CDD 371.81

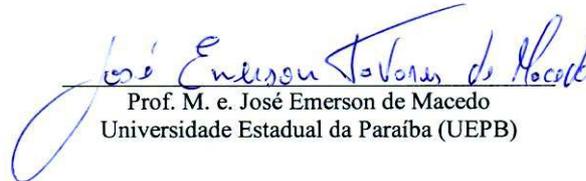
JOSELITO SILVA CORREIA

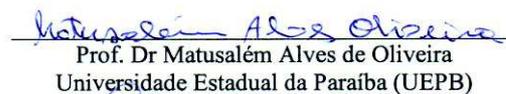
O MOVIMENTO ESTUDANTIL DO COLÉGIO ESTADUAL DA PRATA EM  
TEMPOS DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA (1964 – 1984)

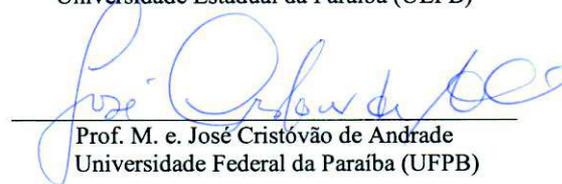
Artigo apresentado ao Curso de  
Licenciatura em História da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito para  
obtenção do grau de Licenciado em  
História.

Aprovada em: 14/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. M. e. José Emerson de Macedo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr Matusalém Alves de Oliveira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. M. e. José Cristóvão de Andrade  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter proporcionado em minha vida, a concretizar um projeto acadêmico.

Agradecer, e conseqüentemente dedicar esse trabalho, a minha família; minha esposa Renata que aturou os meus abusos enquanto eu confeccionava esse artigo, a meus filhos; Nayara, Victoria, e Vinicius, a quem também peço desculpas pela ausência efetiva de atenção, tendo em vista ter dado ênfase a esse propósito literário.

Agradecer a todos que direto e indiretamente apoiaram durante essa peleja teórica a que eu acometi.

Meus sinceros agradecimentos aos meus digníssimos professores, como também a minha turma do curso de História 2011.2 da (UEPB) Universidade Estadual da Paraíba. Quero dizer da satisfação de tê-los como amigos e companheiros durante todos esses anos que passamos juntos, pois aprendi muito com todos vocês, e claro, vocês estarão sempre guardados em minha mente e em meu coração.

Meu muito obrigado ao professor Andrade, por ter inspirado nesse trabalho, tendo em vista, ter sido o mesmo quem mim deu o mote para dar início a esse artigo, e ter mim auxiliado também em minhas teorias. Não posso deixar de agradecer ao professor Matusalém, que de pronto aceitou fazer parte da banca de examinadores, e também de o mesmo ter mim a apresentado, ao competentíssimo professor Emerson Macedo para auxiliar brilhantemente como meu orientador, então obrigado por ter mim aturado professor Emerson.

Por fim, ao mesmo tempo que agradecer, dedicar esse trabalho a minha mãe, D. Maria Madalena, carinhosamente chamada de dona Leninha, e a todos os meus irmãos; Sueli, Ilton, Antônio, Simone, Tiago, Suzany, e Rafael (in memorian).

## SUMÁRIO

1 -	INTRODUÇÃO .....	05
2 -	A CONTRIBUIÇÃO DOS ANNALES PARA O CAMPO DA POLÍTICA	08
2.1	Da “velha” a “nova” história política.....	08
2.2	Cultura Política.....	12
3 -	A “LUTA” PELA REDEMOCRATIZAÇÃO ATRAVÉS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL CAMPINENSE.....	15
3.1	O Centro Estudantil Campinense (CEC).....	15
3.2	O Movimento Estudantil no Colégio Estadual da Prata.....	17
	CONCLUSÃO .....	22
	REFERÊNCIAS .....	25

## **O MOVIMENTO ESTUDANTIL DO COLÉGIO ESTADUAL ELPÍDIO DALMEIDA NA CIDADE DE CAMPINAGRANDE – PB: O MOVIMENTO SECUNDARISTA EM TEMPOS DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA (1964 – 1984)**

Joselito Silva Correia<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O propósito desse estudo é analisar a participação dos estudantes secundaristas do Colégio Estadual Elpídio de Almeida, (ESTADUAL DA PRATA) na Cidade de Campina Grande, no processo de redemocratização do Brasil durante o período da ditadura militar no Brasil (1964 – 1984), a partir de um olhar voltado ao movimento estudantil, onde transversalmente a esse ambiente, poder perceber a efetivação desses jovens alunos em um processo de lutas pela redemocratização no Brasil. Outro ponto a ser apresentado nesse estudo refere-se à importância dos centros estudantis organizado pelos referidos estudantes secundaristas, como por exemplo; os grêmios estudantis, e de um modo mais amplo, o CEC - Centro Estudantil Campinense. Partimos no caminhar teórico dos estudos culturais e mais precisamente da “Nova História Política”, bem como da “Cultura Política”. A nossa proposta parte de um viés bibliográfico acerca do referido tema. Dessa forma, através de discursos de movimento em prol de uma política democrática, perceberemos nesses escritos uma potencialização fundamentada dos estudantes secundaristas, concomitantes aos estudantes Universitários, em defesa a uma negativa de um Regime Ditatorial (Ditadura Militar), que fora impetrada no país brasileiro.

**PALAVAS CHAVES:** Colégio Estadual Elpídio de Almeida. Cultura política. Ditadura Militar. Estudantes Secundaristas. Nova História Política.

### **1. INTRODUÇÃO**

O surgimento em trabalhar com essa temática partiu, de uma conversa com o professor da UEPB, (Universidade Estadual da Paraíba), Jose Cristovam de Andrade, onde o mesmo explicitava a sua vida de estudante secundarista do Colégio Estadual Elpídio de Almeida em Campina Grande no início da década de 1981. “No decorrer do texto, vamos nos reportar ao Colégio aqui mencionado, como popularmente ele é conhecido, (COLÉGIO ESTADUAL DA PRATA)”. Na ocasião, o professor Andrade mim confienciava a sua participação nos movimentos estudantil daquele específico centro de educação, tendo sido membro participante do grêmio estudantil. Andrade em conjunto com outros colegas estudantes tentou

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Licenciatura em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-mail: [joselito.silvacorreia@gmail.com](mailto:joselito.silvacorreia@gmail.com)

reacender um movimento que teria sido “abafado” pelo regime político ditatorial que governava o Brasil desde 1964. Então, essa discursão nos trouxe uma inquietação para nos debruçarmos cientificamente através de uma análise sobre o olhar dos estudantes secundaristas de escolas públicas da Cidade de Campina Grande, especificamente do colégio Estadual da Prata, no período da Ditadura Militar, (1964 - 1984) no Brasil. Diante desse cenário, vamos tentar explicitar esse processo político no país, diagnosticando o relevante desencadeamento promovido pelos estudantes desse referido colégio, no tocante ao processo político de redemocratização que se passava no Brasil de (1979 - 1985).

Nesse período, o Estado brasileiro passava por um processo de instabilidade política, arraigados por sentimentos de mudanças políticas, social-econômica, tendo em vista que, o País estava sendo governado desde o ano de 1964, por uma Ditadura Militar, após um golpe referendado pelos oficiais “Generais”, representantes das Forças Armadas, e por uma parcela da Sociedade Civil.

No entanto, a população brasileira, por intermédio de vários setores das classes sociais, incluindo os movimentos estudantis, pedia o fim da Ditadura Militar e a volta dos direitos democráticos da Nação brasileira. Então é importante ressaltar a significativa participação dos estudantes secundaristas, em especial “os alunos do Estadual da Prata em Campina Grande”.

Em consonância a esses acontecimentos aqui elencados, procuraremos nos deleitar sobre aportes teóricos, engajados nos escritos da Historiografia política tradicional, como também nos preceitos da Nova História política. Contudo, faremos uma discursão sobre o assunto, discorrendo a efervescência dos movimentos estudantis secundaristas, em um referido manifesto de redemocratização política, social – econômica.

Desde a sua formação como Estado independente, (1822), o Brasil passou por vários processos de revoluções políticas. Ao longo de quase duzentos anos, o povo brasileiro viu nascer e definhar processos políticos meramente direcionados a uma parcela mínima da população, sem ao menos ter sido consultados sobre o que seria melhor para todos.

Essa pequena parte da população, que se apoderou dos destinos políticos, econômicos e sociais da nação, se debruçaram sobre mudanças sociais econômicas, constituindo para si próprio todo direcionamento políticos arraigados por sentimentos de poder, deixando de fora das discursões sobre o que seriam melhor para o Brasil, a grande massa de trabalhadores, esses, se sobrepunham bestializados as demandas políticas empreitadas por essas pessoas que se intitulavam salvadores da pátria.

No entanto, esse presente artigo tem por objetivo analisar a participação dos estudantes secundaristas do Colégio Estadual da Prata no processo de redemocratização do Brasil durante o período da ditadura militar no Brasil (1964 – 1984), dessa forma pretendemos apresentar a importância desses movimentos por parte desse universo estudantil secundarista, trazendo então uma real contribuição formulada por esses jovens. Pois, essas moças e rapazes ainda infantes, vem demonstrar que, suas atitudes e levantes vão ecoar nos tempos futuros. É bem verdade que, essa comunidade estudantil que pleiteavam por um País melhor de um ponto de vista democrático nos anos 1970, foram os mesmos que se engajaram na década de 1980, pelo processo de diretas já, esses agora já participando ativamente em outros patamares, pois os mesmo que peleavam nos movimentos secundaristas passam a se movimentar pela democracia política dentro das universidades.

É importante perceber que em certos momentos desses imbrólios políticos, surgiram vários sentimentos de desaprovação por parte de alguns setores da população, pedindo para que o povo participasse ativamente dos direcionamentos políticos do Brasil. E nos sentimos na obrigação de apontar à perseverança desses jovens estudantes relatados nesses escritos, que se sentiram também na obrigação de se efetivarem ativamente das lutas em prol do país, no tocante a derrubada de um regime impetrado desde a década de (1960), no território brasileiro. O lema dessas vozes estudantis era trazer de volta uma política de coalisão com as massas, onde todos tivessem o direito de contribuir a favor do Brasil, transversalmente ligados a um regime democrático.

De certo modo, devemos perceber que o Brasil desde o ano de 1964, passava por um processo político de cunho ditatorial que desagradava grande parte do povo brasileiro, que queriam que fosse devolvido aos seus habitantes o poder de decidir os questionamentos político, econômico e social. Devolução essa, concretizada em um ato de redemocratização, queriam a incumbência de nomear seus representantes, para daí reconstruir alicerces no intuito de corroborar com rumos políticos do país acostados a um processo meramente ligado a democracia.

Lado a lado a teorias massificadas a história política, podemos elencar ideologias concomitantes a história cultural, ou melhor, a nova história cultural, onde pretendemos atrair algumas discursões sobre a importância desses diálogos, concernentes a um proposito idealizado pelos estudantes no final da década de 1970 e início de 1980 no Brasil.

A nossa proposta parte de um estudo bibliográfico acerca do referido tema. Dessa forma, seguimos no caminhar teórico dos estudos culturais e mais precisamente da “Nova História Política”, bem como da “Cultura Política”, se debruçando de autores como: Aleixo

(2013), Barros (2011), Nespoli (2015), Neto (2008), Rémond (1996), Santana (2015), Silva (2014), entre outros.

Esse artigo encontra-se dividido em dois momentos, no primeiro momento vamos explicar as colaborações da Escola dos Annales, que se acostaram na historiografia, concomitante discutindo da “Velha a Nova História Política”, em composição também com a Cultura Política, e conseqüentemente discutir as teorias dos autores em detrimento do que está sendo proposto nesse trabalho, no caso o movimento estudantil em concordância com o campo político.

No segundo momento desse trabalho iremos abordar sobre a importância do movimento estudantil para a sociedade acadêmica, e deveras, a sociedade como um todo. Trazer fatos ocorridos a esse processo, potencializando o movimento estudantil secundarista na cidade de Campina Grande, ladeado ao Colégio Estadual da Prata durante a ditadura militar no Brasil, sempre tentando diagnosticar, qual a contribuição positiva que esses jovens trouxeram para a população brasileira. Assim, através de alguns historiadores como: Rosicleide Henrique da Silva, Ajanayr Michelly Cabral Santana, Ramon de Alcântara Aleixo, dentre outros. Dessa forma, discutiremos a propositura das lutas dos jovens estudantes, em detrimento de um planejamento de mudança política social, rebuscado na redemocratização do país.

## **2. A CONTRIBUIÇÃO DOS ANNALES PARA O CAMPO DA POLÍTICA**

### **2.1 Da “velha” a “nova” história política**

No século XIX a História “almejava” ser a ciência absoluta, bebendo nos métodos das ciências naturais, o entendimento de História estava conectada ao documento histórico, para o historiador dessa época a verdade dos fatos estava ligada apenas aos documentos escritos e oficiais. Dessa forma cabia ao historiador realizar a crítica documental, distinguindo os documentos “falsos” dos “verdadeiros”, assim o historiador construía uma narrativa descritiva dos fatos políticos e militares.

Silva & Silva (2009) compreende que o documento passou a se referir no século XIX à fonte escrita, trata-se de fontes produzidas por órgãos, entidades, funcionários e autoridades do governo, isso gerava uma credibilidade a fonte como: os relatórios, atas, notas, cartas oficiais, memorandos, declarações, diário oficial, documentos jurídicos, militares e

administrativos, etc., tudo que tivesse sido produzido pelo governo ou para o governo, era visto como fonte para esse tipo de história.

Nesse entendimento, a história metódica segundo Burke (1992) refere-se exclusivamente ao campo da política, tendo uma narrativa interessada pelos feitos dos “grandes homens”, utilizando como fontes os documentos produzidos pelos governos e preservados em arquivos.

Porém com advento da Escola dos *Annales* no século XX a forma de pensar e fazer história mudou. As primeiras gerações modificaram o conceito de documento histórico, “a grande ênfase na utilização das imagens como fonte será dos *Annales* e significou um desenvolvimento extraordinário de temas novos e um interesse marcante pelo emprego de novos tipos de fonte” (MACEDO, 2012, p. 19). Os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, fundadores da Escola dos *Annales*, nos anos 1930, ressignificaram a forma de pensar e fazer a história as pesquisas históricas passam a ser tratadas através de novos objetos, sob novos enfoques e métodos, e com outras fontes capazes de responder a novas questões, surge a ideia de uma história-problema que vai além do político e do econômico.

As primeiras gerações dos *Annales* “revolucionaram” o conceito de documento histórico foi a partir deles que surgiu no campo da história um desenvolvimento no que diz respeito aos temas novos e um interesse marcante pelo emprego de novos tipos de fonte. A Segunda Geração compreende o período entre 1946 e 1968 e é marcada pelo tema das civilizações e temas demográficos. Constitui-se como escola, ao aportar conceitos (estrutura e conjuntura) e métodos (história serial das mudanças na longa duração) definidos. Mas, foi durante a terceira geração conhecida por Nova História (*Nouvelle Histoire*), que houve uma sensível transformação na construção da História, os diversos tipos de fontes históricas passaram a ser utilizadas pelos historiadores. A história pode ser feita com todos os documentos que são vestígios do homem. Não se limita apenas aos arquivos (datas, lugares e nomes de indivíduos), indo aos poemas, quadros, dramas, estatísticas, materiais arqueológicos, etc. O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo. Para Bloch: “Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo o que toca pode e deve informar sobre ele”. (BLOCH, 2001, p.79).

Com os *Annales* a história se renovou reformulando suas regras, impondo o tríptico

economia-sociedade-civilização” em detrimento do binômio metódico “história factual-história política”. Esse tríptico manterá juntos sociólogos, geógrafos, psicólogos e historiadores dos *Annales*, em prol da rejeição comum do historicismo.

Assim os *Annales* propõem o alargamento da história, orientando o interesse dos historiadores para outros horizontes: a natureza, a paisagem, a população e a demografia, as trocas, os costumes. Ampliam-se as fontes e os métodos, os quais devem incluir a estatística, a demografia, a linguística, a psicologia, a numismática e a arqueologia. (FARIAS; FONSECA; ROIZ, 2006, p. 124 *apud* DOSSE, 2003, p. 83).

Nesse sentido, as ideias apresentadas pelos *Annales* nos proporcionaram a enxergar as transformações política de um povo de outra forma. Para o historiador Rémond (1996), denomina de a “velha” história política como:

Ao privilegiar o particular, o nacional, a história política privava-se, ao mesmo tempo, da possibilidade de comparações no espaço e no tempo, e interditava-se as generalizações e sínteses que, apenas elas, dão ao trabalho do historiador sua dimensão científica. [...] A história política permanecia uniformemente narrativa, escrava do relato linear, e no melhor dos casos, só temperava a mediocridade de uma descrição submetida à cronologia pelo talento eventual do autor, que então fazia com que sua obra se aparentasse mais com a literatura que com o conhecimento científico. (RÉMOND, 1996, p.17)

Assim, a História Política tradicional estava preocupada em narrar as grandes batalhas, os grandes heróis, as ações dos monarcas, deixando de lado uma serie de discussões e questionamentos que envolvem hoje o estudo do político. A partir da década de 1980 as ideias lançadas pelos *Annales* proporcionaram aos estudos da História Política um retorno para esse campo de discussão, porém de outra forma e de um “novo” olhar. A história política renovada apresenta reflexões para um campo mais amplo de articulações entre o social e suas representações, imaginários e subjetividades.

Quando falamos da Velha e da nova história política do ponto de vista da historiografia, não tem como não nos reportarmos a Escola dos *Annales*, que foi inicializada lá na década de 1930 pelos pesquisadores Mark Block, e Lucien Febvre, como também a velha história política tradicional do século XIX, esta segunda, massificada com suas políticas positivistas, onde o Estado era visto politicamente como o centro do poder. Sobre essa história política tradicional verso Nova História, o historiador Emerson Macedo nos apresenta:

se a velha história política do século XIX mostrava uma preocupação com a política dos grandes Estados, a Nova História Política passou a perceber o “poder” de outras formas como: os micro poderes presentes na vida cotidiana da sociedade, o uso das representações políticas, dos símbolos, dos mitos políticos, da teatralização do poder, dos discursos, entre outros. Assim a nova história política muda a forma de pensar, estudar e compreender os discursos sobre a política, ocasionando um redimensionamento do estudo em torno do poder. (MACEDO, 2012, p. 23)

O que se pode perceber nos relatos do historiador é de que houve uma ruptura, uma remodelada na política dos Estados, em consonância com o controle e os modos operantes de

poder. A “velha história política” do século XIX começa a perder espaço em meados do século subsequente XX, para a chamada agora, “Nova História Política”, pois essas novas teses começaram por quebrar paradigmas ideológicas, tendo em vista tais práticas políticas tomarem outros rumos. Contudo, a nova história política, demonstra uma aparência diversificada, mais ampla e dinâmica com relação ao controle da política dos Estados.

Contudo, hoje a história política ou “nova história política” como apresenta Falcon (1997) começou a surgir nos anos 60, influenciada pelo Marxismo, passou a dar maior atenção a outras fontes históricas como: as jornalísticas, as qualitativas (pesquisas eleitorais, pesquisas de opinião), a propaganda política, os “espaços do poder” (ágora, senado, tribuna, sala do trono, comício, carreato, etc.), os discursos políticos, as políticas de Estado (políticas para a educação, saúde, desenvolvimento, trabalho, segurança, nacionalismo, guerra, liberdade, democracia, os movimentos estudantis e etc.).

É importante também elucidar que essa nova fase da história política, passou a recolher fontes do campo da história econômica, social, cultural, da filosofia, sociologia, antropologia, psicologia, etc. Um bom exemplo para mostrar essa mudança ainda ocorrida nos anos 70, são as obras de Michel Foucault que abordaram de maneira nova, o debate político, enfatizando aspectos culturais, sociais, filosóficos e ideológicos, de forma a se ver o poder não como algo concentrado numa única estância, mas dividido em vários locais (micro poderes), como também entender a atuação das políticas sobre a vida e a organização e estruturação das sociedades modernas e contemporâneas.

Colaborando com o cenário do nosso objeto de pesquisa o historiador Carlos Fico (2004), reforça que

A produção histórica que marca a nova fase de estudos sobre a ditadura militar possui suas peculiaridades. Boa parte dela foi feita no contexto da chegada da “Nova História” ao País, ou, dizendo melhor, não viria a ser uma produção fortemente influenciada pelo marxismo ou pela segunda fase dos *Annales*. Porém, no campo dos estudos especificamente históricos (diferentemente de áreas como a Ciência Política), a crítica ao marxismo não se fixou na contraposição entre hipóteses (teóricas) da determinação das estruturas econômicas-sociais e a da autonomia do sistema político, mas na valorização do indivíduo e de sua subjetividade em oposição às leituras “tradicionais” (marxistas ou dos *Annales* dos anos 50 e 60) de cunho estrutural. Assim, abandonando explicações fundadas em conceitos como os de “classe social”, os historiadores do que se convencionou chamar de “Nova História” buscaram uma estratégia cognitiva (mais do que uma perspectiva teórica-conceitual) que enfatizasse o indivíduo, seu cotidiano, suas emoções, sua “mentalidade” sua “trajetória de vida” etc. (FICO, 2004, p. 39-40)

Essa “Nova História Política”, conforme Macedo (2012) não irá abordar mais a política no seu sentido tradicional, mas em nível das representações sociais ou coletivas, os

imaginários sociais, a memória, bem como as diversas práticas discursivas associadas ao poder. A política passa a ser pensadas em termos de análises dos jogos/tramas políticas, representações do simbólico, etc. Assim, a história política pode ser compreendida como um redimensionamento do estudo em torno do poder.

## 2.2 Cultura Política

Neto (2010), faz uma abordagem à cultura política, explicitando seus aspectos teóricos de forma a amparar seus tais conhecimentos, paralelo ao modelo proposto pela nova história política, em detrimento ao que está sendo inserido em conformidade com o poder do Estado. O autor faz uma alusão entre o Estado e a cultura política considerando que:

o Estado é aquele que se situa no centro daquilo que constitui as preocupações fundamentais da nova história política. Mesmo quando se trata de uma cultura política, essa cultura é aquela que envolve elementos relacionados ao Estado e as instituições de poder vinculadas a ele mais diretamente (NETO, 2010, p. 6).

No âmbito da nova história política, tais concepções estão entrelaçados entre o poder do Estado e a cultura política. Razões pelas quais, todos estes conhecimentos estarem em vinculados harmoniosamente. Barros (2011), discute sobre a ideia de Cultura Política, que vem a auxiliar esse referente artigo:

A expressão cultura política surge pela primeira vez na década de 1960 com Gabriel Almond, e Sidney Verba (1963), autores que estavam diretamente interessados em examinar no âmbito de estudos – políticos sobre a sociedade de massas contemporâneas, os aspectos subjetivos relacionados às orientações políticas (BARROS, 2011, p. 44).

A partir de alguns pesquisadores da década de 1960 como; Gabriel Almond e Sidney Verba podemos entrelaçar pensamentos sobre a política incorporada ao momento relatado nesse texto, que difere o comportamento das pessoas envolvidas no processo político que se encontrava o país, no caso dos movimentos estudantis. Desse modo a “cultura política” “é um conceito que permite estabelecer uma ponte entre os sistemas políticos propriamente ditos e os aspectos culturais e imaginários de uma sociedade, seus rituais, praticas, discursos e representações políticas” (BARROS, 2011, p. 45).

Neto (2008), diz que Cultura Política é a i inter-relação factual do indivíduo em consórcio a um domínio vigente, onde tais relações se coagulam em coalizão a um processo político, consolidando, preceitos, em consonância a um ambiente envolto a um modelo proposto,

relacionada a uma perspectiva de uma Nova História Política. O autor ainda nos condiciona a entender que “daí que questões referidas nos levam a construção de uma percepção da política não apenas pelo viés do institucional e administrativo, mas na perspectiva de uma cultura política que legitima as práticas políticas do presente” (NETO, 2008, p. 141).

Essa cultura política demonstrada pelo pesquisador Martinho, tende-se a se requalificar, para se buscar uma melhor adaptação referente a uma espécie de supremacia política, no intuito de solidificar uma reestruturação para que de certa forma venha a se desfrutar de uma hegemonia política não só homogênea, mas de cunho heterogêneo.

Enfatizando aqui tais conceitos sobre Cultura Política, observemos a figura dos movimentos elencados nesse processo, onde o desejo de mudança do sujeito estava condicionado à ruptura de um projeto, onde a população não era representada em seu amplo contexto político cultural e, social-econômico. Aprofundando as reações de cultura política, diagnosticados com sentimentos e representações de uma sociedade condicionada a um fator comum, Assunção nos remete a ideia de que:

Segundo a conceituação de Serge Berteim (1997) “cultura política” constitui um conjunto coerente em que todos os elementos estão em estreita relação uns com os outros tendo por componentes fundamentais uma base filosófica ou doutrinal frequentemente colocada à disposição da maior parte de seus participantes, trata-se de uma leitura comum do passado histórico, uma visão institucional que se traduz através de uma organização política, uma concepção de sociedade ideal, um discurso codificado com vocabulário próprio, além de ritos e símbolos que estabelecem um plano de representação para a cultura política em questão (BARROS, 2011, p. 45).

Trazendo essa fragmentação teórica do pesquisador Jose D'Assunção para o assunto em questão, corroborado com a cultura política de Berteim (1997), onde aponta que os indivíduos envolvidos no mesmo propósito, manifestam os mesmos sentimentos de unidade em prol de uma causa, em que todos se combinam em um mesmo conceito, fadado a uma homogeneidade de pensamentos, voltado a uma reconstrução política em favor de todos.

Buscamos discutir nesse estudo acerca do (movimento estudantil), mas precisamente o Colégio Estadual da Prata, dessa forma nos apropriou do campo da cultura política concomitante também com a nova história política. Para nos debruçarmos sobre tais conceitos de cultura política, observaremos então a periodização em que alguns pesquisadores principiaram seus estudos dentro da história política como também suas ligações historiográficas, embasando seus campos teóricos.

Néspoli (2015) nos perpassa em seu discurso teórico, intitulado; Cultura Política, História Política e Historiografia, que;

O conceito de cultura política começou a ser utilizado pelos historiadores a partir da década de 1970, em especial por historiadores ligados a Escola dos Annales. Inicialmente desenvolvido pelas Ciências Sociais Norte-Americanas para analisar a legitimidade das relações entre Estado e Sociedade, ao ser apropriado pelos historiadores o conceito de cultura política prestou importante contribuição ao movimento de renovação da história política, pois as caracterizações do conceito satisfaziam amplamente as carências da historiografia naquele momento (NÉSPOLI, 2015, p, 361).

Néspoli (2015), tais concepções historiográficas relacionada à cultura política, vinheira á corroborar de certa forma, para uma aquisição desenvolvimentista no que concerne a vinculação harmônica, paralela ao Estado e o sujeito quanto sociedade, definidores de uma amplificação conceitual política encostada meramente a historiografia.

Os escritos do pensador Nespoli (2015), com relação aos pensamentos de Almond e Verba para a realidade do País brasileiro em relação ao movimento estudantil contra o regime político ditatorial vigente desde o ano 1964 seriam as verbalizações enfatizadas nos conceitos democráticos apontados pelos referidos pesquisadores, trazendo a luz da política, fazendo uma menção sobre o regime político praticado nos Estados Unidos, expondo para outras nações que não comungavam com os mesmos preceitos democráticos.

Estudiosos da política internacional norte-americana Almond e Verba estavam interessados em saber se as instituições da democracia estadunidense podiam ser transplantada para outras regiões com contextos sociais e culturais distintos. Os autores estavam convencidos de que, se o regime político entrasse em conflito com a cultura política, o regime político entraria em crise, posto que a cultura política só se modifica num largo espaço de tempo. (NÉSPOLI, 2015, p. 362).

Baseado nos conceitos democráticos, Almond e Verba buscavam entender através da cultura política as reações adversas em outras sociedades com estilos de vida diferentes. No entanto, eles percebiam que se os regimes políticos confrontassem com os movimentos embasados na cultura política, o primeiro entrava em declínio e perderiam força. Nespoli (2015), comenta que os fundadores da teoria da formulação de cultura política, percebia que a economia e a democracia caminhavam paralelamente ao progresso de desenvolvimento. Toda essa compreensão é percebida de certa forma, pelos movimentos de redemocratização no Brasil, em detrimento de uma constituição heterogênea que sentimentaliza conceitos, em prol da sociedade como um todo.

### 3. A “LUTA” PELA REDEMOCRATIZAÇÃO ATRAVÉS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL CAMPINENSE

#### 3.1 O Centro Estudantal Campinense (CEC)

É importante frisar que, esse marcante CEC (Centro Estudantal Campinense) nasceu em um período anterior da Ditadura Militar no Brasil, pois, foi na era ditatorial de Getúlio Dornelles Vargas, exatamente no ano de 1935, que surgia na Cidade de Campina Grande uma organizada sociedade estudantil que perdurou por algumas décadas. Tinha como membros, os estudantes secundaristas campinenses. Quem nos traz um pouco dessa historiografia sobre essa entidade estudantil é a historiadora, Ajanayr Michelly Sobral Santana, onde afirma que:

O Centro Estudantal Campinense – (CEC) – foi fundado em seis de outubro de 1935, através das ideias trazidas por uma turma de alunos/as concluintes do Colégio Alfredo Dantas que, em visita a Cidade de Fortaleza/CE no mesmo ano, em uma missão de cultura, e cordialidade conheceram uma entidade estudantil, o Centro Estudantal Cearense – que incentivam estudantes campinenses a fundarem na Cidade de Campina Grande/PB uma organização estudantil politizada, inspirada nas ideias da entidade (SANTANA, 2015, p. 27- 28).

A pesquisadora deixa explícitos em seus escritos que, esse Centro Estudantil, fora criado por alunos de uma respeitável escola particular de Campina Grande (Alfredo Dantas), mas, ao decorrer dos anos a sua criação, o Centro Estudantal Campinense alcançou as escolas públicas, e em especial aqui elencadas nesse estudo, o Colégio Estadual da Prata.

Nesse sentido, não podemos falar de movimento estudantil na cidade de Campina Grande, sem antes mencionar o Centro Estudantal Campinense (CEC). Nos apropriamos dos estudos da historiadora Rosicleide Henrique da Silva, em seu trabalho sobre o movimento estudantil campinense, intitulado: “O movimento Estudantil em Campina Grande: Entre sonhos, frustrações e lutas (década de 60)”, esse estudo nos revela a importância do Centro Estudantal Campinense (CEC), nas empreitadas contra o sistema político impetrado nos elos militares no Estado brasileiro.

No contexto de Paraíba, a historiadora Silva (2014), nos mostra em seu trabalho, a repercussão das camadas estudantis sobre essa malfadada Ditadura Militar no país, como também a não exortação dos estudantes secundaristas pela aceitação desse regime autoritário, pelo o então governador do Estado da Paraíba, Pedro Moreno Gondim, onde o mesmo também passa a transtornar e escarmentar os movimentos estudantis contrários ao regime ditatorial proposto no Estado Brasileiro. Então, Silva (2014) afirma que:

É nesse contexto de Ditadura Militar na Paraíba, de atitudes “solidárias” do Governador Pedro Gondim e da instauração de perseguição a estudantes e professores, que a atuação dos estudantes secundaristas de Campina Grande ganha destaque, principalmente a partir do Centro Estudantil Campinense CEC. (SILVA, 2014, p. 43-44)

Essa análise, além de explicitar o descontentamento do movimento estudantil, na posição do Centro Estudantil Campinense em contraposição as atitudes do Governador da Paraíba, também enaltece a figura do professor, que de certa forma apoiaram os jovens estudantes secundaristas nesse processo de não aceitação ao golpe político.

Para Silva (2014) o órgão estudantil, CEC (Centro Estudantil Campinense) em consonância com Partidos políticos, pois segundo a historiadora, mesmo muito jovens, os estudantes secundaristas, se idealizavam com posições partidárias, como por exemplo; AC (Ação Popular), e também o PCB (Partido Comunista Brasileiro). Sobre tais adoções partidárias dos jovens estudantes secundaristas, Silva (2014), ainda nos revela que:

de acordo com a documentação encontrada, no Centro Estudantil Campinense existiam estudantes que adotavam posições partidárias, sendo o CEC caracterizado com um órgão subversivo que contava com o apoio de parte dos estudantes do Colégio Estadual da Prata, principalmente, quando se tratava de greves e das organizações de passeatas nas ruas de Campina Grande. (SILVA, 2014, p. 45).

Dessa forma, pode se perceber a importância do Colégio Estadual da Prata durante esse período, tendo em vista a massificação dos dizeres da pesquisadora na efetivação direta dos estudantes secundaristas desse tradicional colégio público nos movimentos estudantis, como também sua maior participação no Centro Estudantil Campinense.

Silva (2014) apresenta em seu texto, as constantes perseguições das forças policiais do Estado da Paraíba aos movimentos estudantis no final da década de 1960 e no decorrer da década subsequente, (1970) na Cidade de Campina Grande. O regime Militar se utilizava dos departamentos de segurança pública, a exemplo da Polícia Militar da Paraíba, (PMPB) para impulsionar uma maior repressão sobre os estudantes campinenses, onde, tais jovens estudantes secundaristas eram constantemente corrigidos e sufocados.

Contatamos na Rua de Campina Grande que a partir de 1968, ocorreu uma maior intensificação de repressão sobre os estudantes campinenses, uma vez que estes já estavam sendo perseguidos desde o período pré-64. (SILVA, 2014, p. 81).

Silva, (2014) revigora em seus atalhos, que mesmo com tantos encaixos sofridos pelos estudantes em seus movimentos, eles se mantinham unidos e massificados em seus propósitos. Ela ainda enfatiza que:

Através de nossas pesquisas percebemos que mesmo com clima de perseguição e as torturas que os estudantes envolvidos no ME dá época vinham sofrendo, havia uma maior união entre os estudantes secundaristas e universitários que buscavam nas suas diversas formas de resistência, se opor ao sistema de governo vigente. (SILVA, 2014, p. 81)

Para Silva (2014) a união desses movimentos em decorrência de um enlaçado idealista entre a classe estudantil universitária, e os estudantes secundaristas, que se mostram imbuídos ao mesmo propósito, fadado a rechaçar um regime Militar autoritário.

Portanto, o Centro Estudantil Campinense, teve uma grande importância nos movimentos estudantis, pois, esses jovens estudantes se empenharam através de processos, que buscava formas de melhorias para a classe estudantil secundaristas de Campina Grande. Desde sua criação até a sua extinção, o CEC se prestou a um papel de extrema significância, portanto suas lutas e conseqüentemente suas conquistas, devem sempre ser lembrados pela comunidade estudantil campinense.

### **3.2 O Movimento Estudantil no Colégio Estadual da Prata**

Foi durante o governo de Osvaldo Trigueiro que as ideias da construção de um Colégio Estadual vigorou, mas até o fim do seu mandato a escola não veio a ser concluída, cabendo ao governador José Américo de Almeida terminar a obra, foi oficialmente inaugurada no dia 31 de janeiro de 1953, para alegria daqueles que desejavam ter um ensino de forma gratuita.

No final da década de 40, contava o povo Campinense com três estabelecimentos de ensino secundário considerados de grande porte à época: Ginásio Alfredo Dantas, Pio XI e Imaculada Conceição, todos no centro da cidade e pagos... o então Governador Dr. Osvaldo Trigueiro, comprometeu-se com os seus suplicantes e garantiu-lhes a construção de tal estabelecimento, de acordo com as características explicitadas pelo povo campinense em suas constantes evocações. Em contrapartida, o Governador exigiu da edilidade campinense onde pudesse ser construída uma obra de tal porte, o que foi solucionado de pronto pelo Sr. Raimundo Viana, que doou o terreno onde hoje está edificado o ESTADUAL DA PRATA ao Governo do Estado que, de imediato, deu início às obras que em virtude do tamanho físico da construção, não foi possível concluí-la dentro do cronograma pré-estabelecido, só sendo o mesmo inaugurado vários anos depois, no governo subsequente do Dr. José Américo de Almeida, que no dia 31 de Janeiro de 1953 veio pessoalmente à nossa cidade com a finalidade de inaugurar o que viria a ser, e continuaria sendo, o maior estabelecimento de ensino do Estado da Paraíba. DECRETO Nº 456 de 18/07/1952 -

Ato que autorizou o funcionamento RESOLUÇÃO Nº 145/97 DO CEE - Ato que reconheceu o funcionamento da EEEM Dr. Elpídio de Almeida<sup>2</sup>(informação obtidas do site)

O Governador José Américo veio pessoalmente participar da cerimônia de entrega daquele que seria o maior Colégio de ensino Médio não só da Cidade de Campina Grande, mas de toda Paraíba. Devido a sua extensão arquitetônica, foi apelidado de o “Gigantão da Prata”. Posteriormente, passou-se a denominação de Colégio Estadual da Prata. Vale salientar que, o primeiro Diretor do Colégio Estadual da Prata, foi o professor Milton Ferreira Paiva. Onde se fizeram presente na cerimônia de inauguração, o Prefeito de Campina Grande, o senhor Plínio Lemos e o Deputado Severino Bezerra Cabral.

O Colégio Estadual da Prata em Campina grande teve excelente participação em vários momentos culturais, como; esporte, apresentação teatral, e cultura política. Sobre a cultura política, podemos mencionar que desde a década de 1960, os estudantes secundaristas desse referido colégio, participaram ativamente desse processo político na Cidade acima mencionada, a exemplo também dos movimentos de resistência à política autoritária da Ditadura Militar que fora implantada no Brasil.

Os atores envolvidos nessa concepção política, no caso aqui, os estudantes da cidade de Campina Grande no Estado da Paraíba, mas precisamente no Colégio Estadual da Prata, se debruçaram sobre conceitos de renovação política, onde o sentimento de renovação pairava conjunto com a indignação frequente de grande parte da população.

Desde o ano de inauguração do colégio estadual da Prata, no ano de 1953, o movimento estudantil já se despontava. Pois, durante o ato cerimonial de instauração do Colégio, fez se presente ao parlatório, o Presidente do Diretório Estudantil; o estudante Juarez Farias, onde o mesmo proferiu palavras de agradecimento ao Governador do Estado, Jose Américo de Almeida e as demais autoridades que ali estavam presentes na ocasião. (CAMPINA GRANDE, Retalhos históricos. 2011).

Os estudantes do Colégio Estadual da Prata se agruparam ao Centro Estudantil Campinense, dando corpo ao movimento estudantil corroborando com suas lutas e ações. A historiadora Silva, (2014) diz sobre comentários a favor dos estudantes do Colégio Estadual da Prata que: “nessas manifestações havia estudantes com visões políticas distintas, e o centro principal da discursão era o Colégio Estadual da Prata e de lá se disseminava para todo canto”. (SILVA, 2014, p. 57), autora ainda nos denota a importância que os estudantes do Estadual da Prata tinham, com relação ao processo de politização, onde suas ideias sobre política estimulava os demais estudantes de outros Colégios.

---

<sup>2</sup> <http://www.colegiodaprata.xpg.com.br/> . Acessado em 10 Out. 2017.

O professor José Cristovam de Andrade nos apresenta um comentário sobre o movimento estudantil do Colégio Estadual da Prata, e o (CEC) Centro Estudantil Campinense durante a Ditadura Militar. Segundo ele o movimento estudantil foi sufocado no final dos anos (1960), tendo em vista, as lutas impetradas pelos movimentos contra o Regime Político Ditatorial desencadeado no Brasil. No início dos anos (1980) com o enfraquecimento da política ditatorial no País, os movimentos estudantis voltam a se reerguerem, desta vez de forma mais efetiva, pois os grêmios se incorporam explicitamente a Partidos políticos a exemplo: Movimento da Tribuna Operaria, e o Movimento 08 de Outubro, os dois ligados ao (PCB) Partido Comunista do Brasil, que eram da Esquerda.

Para ele o movimento que aconteceu no ano de 1982, constituído pelos alunos do Estadual da Prata, chamado; “A luta dos Estudantes do Estadual da Prata”. O professor Andrade participou ativamente do movimento estudantil do Colégio Estadual da Prata, tendo em vista, ele ter estudado no referido Colégio e ter sido membro de um dos grêmios, onde o mesmo foi o Articulador Político do Movimento Estudantil.

Os grêmios estudantis tiveram um papel relevante diante das lutas ideológicas que foram travadas durante as manifestações políticas, em busca do sucesso transversalmente ao processo de redemocratização no Brasil. Os jovens estudantes, acostados a um modelo político totalmente inverso ao que se encontrava o país brasileiro desde a década de 1960, se sentiram na obrigação de também participar das inquietações do movimento proposto por uma grande parcela do povo, em busca da volta da democracia, tendo em vista, esta população (estudantes), serem também no futuro, os regentes políticos do Brasil.

No final dos anos 1970, e início dos anos 1980, os estudantes de escola pública de Campina Grande andavam lado a lado aos grêmios estudantis, no entanto se empenharam na luta sobre o processo de redemocratização do Brasil.

Os grêmios se incorporaram na peleja contra o regime militar, favorável ao projeto de uma política social, comprovando suas intenções de unidade em respeito ao coletivo, respaldado em um espírito de mudança, onde, por intermédios de suas vozes, fizeram surgir encorajados refrãos em prol dos movimentos de democracia. Tais deslocamentos idealistas processados por essa massa especificam, (os estudantes secundarista) tinham além do envolvimento com a causa, trazer de volta o desejo de liberdade de expressão, que há tanto tempo estava aprisionado nas cabeças da população brasileira, como um todo.

Os estudantes secundaristas, em que pese sua corrente historiográfica, e mesmo surgido através de massas juvenis, tiveram não menos importância no cenário de efervescência política no Brasil. Ao longo do século XX, é notado a participação desses

jovens estudantes nas lutas ideológicas, enfatizando seus interesses na cultura política, em prol da participação mais efetiva das camadas populares.

Transversalmente ligados aos grêmios, esses estudantes apontados aqui nesse texto, foram identificados de certa forma, como interlocutores da sociedade brasileira em consonância a ideias de mudanças contra regimes de sufocação a independência política. E por conta dessas ideologias, seus movimentos vinheira a ser repelidos pelo regime político de cunho ditatoriais no país.

Durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), os estudantes que se engajaram nos movimentos estudantis tiveram suas vozes caladas pelo processo ditatorial. Os militares reprimiram qualquer forma de expressão negativa ao regime proposto, e quem não obedecesse era punido severamente. Todos os movimentos estudantis foram sufocados e extintos pelo o governo ditador.

No final dos anos 1970, com o enfraquecimento do regime militar, os movimentos recomeçam suas lutas em consonância a boa parte da população, acostados aos ideais de redemocratização. Tendo em vista a todo esse reaquecimento ideológico de impressão democrática, se insurge novamente uma gama de estudantes, esses, secundaristas que outrora tiveram suas falas cerceadas. Essa composição de personagens, lado a lado a outras aglomerações, recomeçam sua contribuição pela massificação de mudança no país.

Aleixo (2013), em sua pesquisa dissertativa intitulada, “Das Representações Docentes nas Tramas de Mimémosine”, nos apresenta algumas experiências vividas por professoras do Colégio Estadual da Prata que vivenciaram o período da Ditadura Militar no Brasil.

O pesquisador denuncia em seus escritos, através do depoimento da professora Martha Lucia Araújo, que lecionava no Colégio Estadual da Prata em Campina Grande. Onde ela traz-nos relatos sobre as perseguições, e conseqüentemente dura repressão aos alunos do Colégio do Estadual da Prata, como também prisões de alguns professores por parte dos órgãos repressores do Regime Militar, que auxiliavam os alunos dando suporte ideológico ao movimento estudantil. Na fala da professora Martha afirma que:

Esse período marcou muito, não é, a nossa vivência como professoras na Cidade. Eu já era professora do Colégio Estadual da Prata e ao mesmo tempo tava [aí] terminando o curso a universidade, não é. Tinha essas influências. E eu mim lembro uma das coisas que mais chocou nesse período era saber que alunos nossos não é. Quando [...] com relação, por exemplo, a [...] tinha sido pego pelos órgãos de repressão, né. Eu mim lembro da professora Maura que mim deu um depoimento muito bonito [...]. Ela tinha um trabalho com os alunos [...]. Alunos nossos também foram torturados lá no Colégio Estadual da Prata. Ele hoje é um engenheiro, muito querido [...]. Graça uma amiga nossa, não é. Outra professora que inicialmente, ela quase que era levada pelos órgãos de repressão. Ela ensinava no Colégio Estadual. E

ela gritou. Não foi presa. Mas depois ela foi presa, não é (ALEIXO (2013), apud ARAÚJO, depoimento: [ABRIL. 2012])

É importante frisar no depoimento da professora Martha, a percepção de emoção que ela deixa transparecer, quando historicista tudo que passaram os professores e alunos do Estadual da Prata, tendo em vista as tormentas que sofreram esses docentes e discentes daquela Praça Educativa, principalmente os jovens alunos que ainda eram menores de idade.

No início dos anos 1980, ainda mesmo que o Brasil continuasse no Regime Militar, começa-se a ventilar um processo de abertura política no país. Então, podemos perceber uma dinamicidade político cultural por parte dos alunos do Colégio Estadual da Prata em referência aos debates políticos mais concentrados na esquerda. Aleixo (2013)

Tal indicio os é apontado pela professora Martha Lucia, ao cartografar o mapa político do Colégio Estadual da Prata no início dos anos 1980. Segundo ela “os alunos lá no Colégio Estadual se sentavam de acordo com os Partidos Políticos. PT aqui, PCB ali, PCdoB ALI, e eles [...]. Se um dissesse uma coisa o outro contrapunha”. Muitas vezes, fazia-se necessária a intervenção, nunca parcial da professora, com vistas a mediar o debate. (ALEIXO, 2013, p. 71- 72)

No início dos anos 1980, perceberemos que, os debates políticos só era possível, porque o Regime Militar já dava sinais de decadência, tendo em vista que, o processo de redemocratização já se avizinhava no Brasil. O País começa a se efervescer politicamente através dos Partidos Políticos, principalmente os da esquerda, que, a muito tempo estava no esquecimento, dos porões da Ditadura Militar.

Os estudantes do Colégio Estadual da Prata, não estavam mesmo pra brincadeira, pois ao examinarmos os estudos do historiador Aleixo, (2013) nos apresenta as derrocadas de lutas do movimento estudantil secundarista, contra o regime ditatorial e suas políticas de repressão. “Sob os gritos de “um dois três americanos não tem vez” o movimento estudantil questionava a ditadura e sua interseção nos diversos espaços da vida cotidiana” (ALEIXO, 2013, p. 84). O movimento estudantil campinense replicava as decisões tomadas pelo Governo eminente, indo às ruas contrariarem também, os conchavos políticos internacionais, entrelaçados entre o Brasil e os Estados Unidos.

Os americanos tinham grande interesse no Governo ditador que fora instalado no Brasil. Aleixo (2013), em seu trabalho, faz uma interessante tomada sobre os jovens estudantes secundaristas, que iam as ruas protestarem contra esse regime autoritário e a política de confluência americana.

Contando com o apoio dos estudantes secundaristas, representados em Campina pela arena de debate e embate no Colégio Estadual da Prata, os/as estudantes paralisaram as atividades, povoando as ruas, praças e chegando, até mesmo, acampar em frente à reitoria da Universidade Regional, a URNE na oposição as políticas educacionais e a tentativa de desmantelamento da resistência ao regime (ALEIXO, 2013, p. 84).

O que podemos analisar desse trabalho de Aleixo (2013), sobre os movimentos estudantis é a bravura dos estudantes que não se intimidaram com as ameaças a eles instituídas pelo regime opressor, mesmo correndo certo risco de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o movimento estudantil foi um ato propagado por jovens que se sentiram disposto a um compromisso não muito amistoso, pois de alguma forma esse movimento teve sua potencialidade ideológica concretizada ao longo do tempo. Temos que reconhecer a importância de uma dinamicidade impetrada por esses estudantes, pois, também tomaram pra si uma responsabilidade deveras árdua, tendo em vista as auguras que passaram essa não menos respeitável parte da sociedade.

É meritório o reconhecimento desses garotos por parte da população brasileira, tendo em vista a luta dos mesmos contra um sistema político ditatorial que governava o país desde a década de sessenta. Esses estudantes secundaristas que, a maioria deles não tinham nem 18 anos de idade, percorreram um caminho de desgastes sufragados por um processo de repressão calorosa.

Procuramos esmiuçar aqui nesse trabalho, um momento da história do Brasil, usando o auxílio de alguns autores que contribuíram para um melhor entendimento sobre o tema central elencados nesses escritos, (Movimento Estudantil) e em consequência disso, procurar nos inteirarmos em relação aos jovens estudantes secundaristas, que, durante um período de repressão política, não se calaram e foram as ruas conchamar a população brasileira a se unir contra o regime autoritário propagado por militares.

Concluimos que o movimento estudantil dos alunos do Colégio Estadual da Prata foi importante nas lutas pela redemocratização do país e especificamente para a cidade de Campina Grande, haja vista que, ao nos alocarmos nas teorizações dos pesquisadores aqui abordados, percebemos a capacidade de contribuição desse movimento em prol de um sentimento concreto e heterogêneo, imbuídos em um mesmo sentimento de unidade, baseado transversalmente a um processo político social-econômico.

Então, entendemos que esse movimento estudantil teve sua significação, tendo em vista o seu grau de potencialidade configurada através dos seus autores, pois, os mesmos estudantes secundaristas que lutaram por uma redemocratização no país durante os anos, 60 – 70, viram no decorrer dos anos 1980, a concretização de um sonho, agora fortalecido com a volta da democracia no Brasil.

Portanto, transversalmente a ajuda de vários pesquisadores, “remexemos” no passado não muito distante, com o intuito de perceber uma real capacidade dos alunos secundaristas do Colégio Estadual da Prata, imbuídos na luta a favor da redemocratização do Brasil que só vai ser alcançada 20 anos após a instauração no poder do Regime Militar.

## ABSTRACT

The purpose of this study is to analyze the participation of secondary students of the State College of Prata in the process of redemocratization in Brazil during the period of the military dictatorship in Brazil (1964 - 1984), from a perspective on the student movement, where transversally to this environment, to be able to perceive the effectiveness of these young students in a process of redemocratization struggles in Brazil. Another point to be presented in this study refers to the importance of the student centers organized by the referred secondary students, as for example; the student groups, and, more broadly, the CEC - Centro Estudantal Campinense. We start with the theoretical approach of cultural studies and, more precisely, of the "New Political History", as well as "Political Culture", authors such as: Aleixo (2013), Barros (2011), Nespoli (2015), Neto (1996), Santana (2015), Silva (2014), among others. Our proposal starts from a bibliographic bias about this theme. Thus, through speeches of movement in favor of a democratic politics, we will notice in these writings a substantiated potentiation of the secondary students, concomitant to the University students, in defense of a refusal of a Dictatorial Regime (Military Dictatorship), that had been filed in the Brazilian country .

**Keywords:** Silver State College. Political culture. Military dictatorship. Secondary Students. New Political History.

## REFERÊNCIAS

ALEIXO, Ramon de Alcântara. **Das representações docentes nas tramas de Mimosine**: Cartografias de sedição e sedução nos caminhos e atalhos da história da educação na ditadura militar (1964 – 1985). Dissertação de Mestrado em Educação UFPB: João Pessoa, 2013.

BARROS, José D'Assunção. **A Nova História Cultural**: considerações sobre o seu universo conceitual e seu diálogo com outros campos históricos. Cadernos de História, Belo Horizonte. V.12, n.16, 1 sem 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício do historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**: Novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes; São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

FALCON, F. História e Poder. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FARIAS, M. N.; FONSECA, A. D.; ROIZ, D. S. **A escola metódica e o movimento dos Annales**: contribuições teórico-metodológicas à história. *Akrópolis*, v. 14, n. 3, 2006, p. 121-126.

FICO, Carlos. Artigo: Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar, **Revista Brasileira de História - Órgão da Associação Nacional de História**. ANPUH/contexto, vol.24, nº 47, 2004. São Paulo. p. 29-60.

MACEDO, José Emerson Tavares de. **A linguagem humoristas das charges e as “Diretas Já”**: no traço das charges dos jornais: Diário da Borborema e jornal da Paraíba. Campina Grande: Dissertação de Mestrado – PPGH/UFCG, 2012.

NÉSPOLI, José Henrique Songolano. **Cultura Política**: História Política e Historiografia. *História e Cultura, França*. V. 4. N. 1. p. 361-376, março. 2015.

NETO, Faustino Teatino Cavalcante. Nova História Política e considerações sobre os conceitos de cultura política e representações. In: **XIV Encontro Estadual de História da ANPUH-PB: História, Memórias e comemorações**. 2010, João Pessoa. XIV Encontro Estadual de História da ANPUH-PB: História, Memórias e comemorações. Campina Grande ADUFCG, 2010.

NETO, Martinho Guedes dos Santos. **TÍTULO DO TEXTO**. In: História Ensinada linguagens e abordagens para a sala de aula/ Martinho Guedes dos Santos Neto (org). João Pessoa: Ideia, 2008.

RÉMOND, René. Uma História Presente. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

SANTANA, Ajanayr Michelly Cabral. **Entre práticas e representações**: O Centro Estudantil Campinense como espaço e formação (1948 – 1964). Dissertação de Mestrado em História. UFCG - Universidade Federal de Campina Grande: Campina Grande, 2015.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2<sup>a</sup> ed, 2 reimpressão, São Paulo, Contexto, 2009.

SILVA, Rosicleide Henrique da. **O movimento estudantil em Campina Grande-PB: e entre sonhos, frustrações e lutas (década de 60)** / Rosicleide Henrique da Silva – Campina Grande. 2014.